

Revista Brasileira de Ciências Sociais Aplicadas

ISSN 3085-8151

vol. 2, n. 2, 2026

... ARTIGO 12

Data de Aceite: 24/02/2026

DAS LUTAS PARA AS ESCOLAS: DESDE PAULO FREIRE, OS MOVIMENTOS QUE FORMAM EDUCADORES

Rodrigo Ranzan Soares

Aluno do Programa de Pós Graduação Scrito Sensu / Mestrado Acadêmico em Ensino de Humanidades e Linguagens da Universidade Franciscana – MEHL / UFN.



Todo o conteúdo desta revista está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

Resumo: Este artigo aborda os movimentos sociais, organizações da sociedade civil que pautam sua existência em diversas lutas como o acesso a aspectos da vida social a eles negligenciados pelos poderes constituídos, por direitos fundamentais, bem como para diversos outros aspectos não só sociais, mas ambientais, por exemplo. No cerne destes movimentos, estão lideranças que tornaram-se paradigmas da educação formal, aquela praticada nas escolas e que buscam fugir de um simples conteudismo curricular. Educadores tal qual Paulo Freire, brasileiro e símbolo maior de nossa educação brasileira, da qual é Patrono. Gestada nos diversos movimentos sociais vivenciados por Freire, a pedagogia freiriana é um método com reconhecimento internacional que busca aliar vivência com educação, o qual buscamos. Por fim, este texto aborda alguns dos herdeiros que levam adiante esta temática, também gestados nos movimentos sociais, tal qual a estadunidense / equatoriana Catherine Walch e a pedagogia deocolonial.

Palavras-chave: Movimentos Sociais; Saberes Populares; Pedagogia Freiriana; Educação emancipadora.

INTRODUÇÃO

Maria da Glória Gohn nos diz que “os movimentos sociais são espaços privilegiados de construção de saberes e práticas educativas não formais, que contribuem para a formação da cidadania e a transformação social”. (2006)¹.

Dessa premissa iniciamos este texto, que busca realizar um breve estudo sobre educadores que iniciam a sua trajetória nos

movimentos sociais, espaços privilegiados, onde a formação cidadã emerge. Educadores que levaram da prática das ruas, dos campos, enfim de segmentos que lutam por seus direitos, muitos ensinamentos para a educação realizada em nossas escolas, em uma tentativa de aproximar a realidade com a forma de ensinar em nossas escolas.

Segundo o educador Paulo Freire, em uma das suas tantas frases famosas, lida em suas escritas ou ouvida em suas tantas falas, “além de um ato de conhecimento, a educação é também um ato político. É por isso que não há pedagogia neutra.”²

Poucos dos grandes educadores levaram esta vivência da luta nas ruas, nas favelas, nos campos para a construção pedagógica do que Paulo Freire!

A pedagogia de Paulo Freire nasce essencialmente na margem, dos excluídos, dos marginalizados. Este é um dos méritos do educador, ver como esses grupos clamavam por educação. Sua pedagogia até pode ter sido influenciada pelos “grandes” pensadores e educadores, mas constitui-se concretamente através dos “pequenos”. E se tem algo que os movimentos sociais lutam é por esses “pequenos”.

O Patrono da Educação Brasileira, Paulo Freire, mesmo tão perseguido e injuriado em sua terra natal por correntes ideológicas incapazes de compreender o mínimo do seu brilhantismo, mas a maioria dos educadores brasileiros e mundiais reconhecem a magnitude do seu legado, consolidado em um imenso reconhecimento internacional, sendo considerado um dos pensadores mais notáveis da história da pedagogia.

1. GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal e cultura política. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

2. FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. Medo e ousadia: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

A trajetória de Paulo Freire junto aos movimentos sociais é muito extensa, praticamente uma constante em sua rica trajetória como educador e pensador. No campo, nas ruas, do Brasil ou de outros países, a sensibilidade de fazer educação olhando com uma visão de empatia e de busca de conhecimento acerca da realidade em que estava inserido, o fez ser um paradigma, estudado e seguido.

Seus seguidores, prosseguiram com essa sintonia com os movimentos sociais, muitos deles provenientes dessas organizações, tal qual o mestre foi. Assim, podemos ver que hoje o que a academia celebra e estuda surgiu de vielas, becos, acampamentos, ambientes bem menos formais que a Universidade está acostumada a transitar.

Assim, a partir daqui vamos analisar esta caminhada de Paulo Freire junto aos movimentos sociais, bem como a de alguns seguidores, destacando a de Catherine Walsh, uma autodeclarada seguidora das premissas freirianas.

Mas inicialmente, vejamos, rapidamente, o que são afinal movimentos sociais.

OS MOVIMENTOS SOCIAIS: ORGANIZAR PARA LUTAR!

Poucos temas geram tantos debates como os movimentos sociais. Eles transitam cotidianamente entre “os mocinhos” e “os bandidos”. Em tempos de extrema polaridade política, emergem como vozes sociais bem ou mal vistas, a depender de que lado do viés ideológico o cidadão se encontre.

Historicamente, os movimentos sociais nascem de inquietações e contrariedades, misturada a uma situação de abandono e até revolta com os poderes constituídos ou

as elites “parasitas” incapazes de ter o mínimo de empatia com aqueles que nada ou pouco tem, os movimentos sociais passam desses sentimentos, dentro de sua configuração como um movimento organizado com a criação de regras, lideranças, estatutos, ideologias e meios de luta. Dos mais pacifistas aos mais radicais, uma gama imensa de movimentos existiu e existem, moldando-se ao longo dos anos de acordo com as realidades temporais em que estão inseridos. Muito mais que manifestações dispersas ou ocasionais (como uma passeata, uma greve, um piquete), os movimentos sociais caracterizam-se pela luta constante.

Afim de conceituarmos os movimentos sociais tomamos emprestado informações nos trabalhos de Maria da Glória Gohn, já citada neste texto e uma das grandes fontes de inspiração para a realização desta escrita. Socióloga brasileira de destaque internacional, reconhecida por suas contribuições no estudo dos movimentos sociais, possui uma destacada formação acadêmica, pesquisas e produção de obras que analisam com competência os processos de mobilização social no Brasil e no mundo.

Para a autora, as organizações e comportamentos coletivos são vistos, sob uma ótica conservadora, como frutos de meras tensões sociais, uma verdadeira quebra do “*status quo*” de uma sociedade ordeira e civilizada. Movimentos sociais viraram sinônimo de desordem, de vagabundagem, de “comunistas subversivos” e ainda não seriam vistos assim por muitos? Exemplificando, Gohn, cita a efervescência da luta pelos direitos civis nos Estados Unidos da década de 1960, onde pleitos e mobilizações sociais eram casos de polícia, sendo a repressão onipresente. (Gohn, 1997).

Dentre citações de estudiosos deste fenômeno social, destacamos Herbert Blumer (1900–1987), sociólogo estadunidense, que traz uma das tantas definições de movimentos sociais e que muito bem pode servir de base conceitual no entendimento que nos propomos. Vejamos que a definição:

“Blumer definiu os movimentos sociais como empreendimentos coletivos para estabelecer uma nova ordem de vida. Eles surgem de uma situação de inquietação social, derivando suas ações dos seguintes pontos: insatisfação com a vida atual, desejo e esperança de novos sistemas e programas de vida” (GOHN, 1997, p.30).

Os movimentos sociais buscam dar voz àqueles a quem Paulo Freire (2005) dizia serem negados “o direito de dizer a sua palavra, de pensar certo”. Atores sem direito a voz, buscam lutar contra um sistema que sistematicamente os vê como inconvenientes e que tem como uma de suas bases o silenciamento constante.

Para o sistema, essa pauta, essa discussão, essa luta é vista como “subversiva”, ações de “baderneiros”, pois as massas populares diante da situação social, política e econômica não podem “denunciá-lo, questioná-lo, transformá-lo para a sua humanização, mas adaptar-se à realidade que serve ao dominador”. (Freire, 2005, p.143).

“Os movimentos sociais tem a sua origem na margem do instituído” (Streck, 2009, p. 175). Assim, exemplificando, o Movimento dos Trabalhadores sem Terra - MST, nasce da luta daqueles que não tem

acesso à terra, do Movimento dos Sem Teto pela falta de moradia e assim por diante. É uma lacuna deixada na sociedade que faz com que segmentos sociais se organizem para se fazerem ouvidos em seus anseios. Também podemos ver pela garantia de direitos já instituídos e que são atacados ou por uma pauta visando o bem comum, sendo o maior exemplo dessa a questão ambiental.

Para seguirem sendo mecanismos atuantes de luta, os movimentos sociais moldaram-se de acordo com os tempos: da luta por direitos civis da década de 1960, por liberdade, justiça e democracia no período militar, pela manutenção de garantias sociais pós redemocratização, aos ataques das políticas neoliberais de um estado mínimo socialmente, “no novo século”, as mudanças continuam.

A revolução patrocinada pelas redes sociais mudou abruptamente não só no modo das pessoas se comunicarem, mas até mesmo no modo em que vivem, bem como pelo que agora lutam. As redes sociais mudaram e muito a forma como os movimentos sociais lutam por suas pautas, bem como aumentaram a visibilidade daqueles que os atacam.

Em uma sociedade que ao mesmo tempo em que é tão cheia de vivências, de conquistas, de avanços em assuntos tão delicados e polêmicos, ela sofre com o renascimento de um pensamento conservador repressivo, até mesmo fascista, onde a luta se dá mais agora “por suas identidades e pertencimentos temáticos e não por lutas classistas ou sindicais”. (GOHN, 2012, p.10).

“Na atualidade, antigos movimentos sociais, a exemplo da luta pela moradia ou luta pela terra, convivem

com novos movimentos, organizados segundo múltiplas identidades - ser negro, mulher, idoso, jovem/adolescente etc. Lutas sociais por reconhecimento convivem com lutas pela redistribuição e acesso a bens e serviços. Os movimentos sociais estão mais fragmentados, menos articulados com sindicatos, pastorais; alguns mais próximos de projetos e programas sociais desenvolvidos no plano institucional”. (GOHN, 2012, p.11).

Essas lutas moldam um movimento social, uma organização e forma lideranças. Mais do que meras mobilizações esporádicas, os movimentos sociais buscam ser um espaço consolidado para aqueles que a sociedade quer esconder e calar.

“Os comportamentos coletivos são episódios, não ocorrem com frequência e são incomuns. Atraem a curiosidade, provocam comentários, condenação, apoio etc. Já os movimentos sociais são, em larga escala, esforços coletivos em busca de mudanças ou para resistir a elas. Eles alteram a vida das pessoas. (Oberschall, 1993: 2 citado por GOHN, 1997, p.62).

Das características dos movimentos sociais, sob uma ótica freiriana, segundo Streck, 2009, p. 167: “São eles que propiciam

os óculos para conhecer a realidade, mesmo que os patrocinadores de projetos e programas sejam de órgão de governo ou, mais tarde, organizações não governamentais”.

Os movimentos sociais fazem parte do que consideramos como educação informal. Para Paulo Freire, ensino e vivências caminham de mãos dadas. Esse viver é reflexo de onde vivemos e da forma como vivemos. Desta forma, uma educação que toma por princípios balizadores:

“Falar da existência de um processo educativo no interior de processos que se desenvolvem fora dos canais institucionais escolares implica em ter, como pressuposto básico, uma concepção de educação que não se restringe ao aprendizado de conteúdos específicos transmitidos através de técnicas e instrumentos do processo pedagógico”. (GOHN, 2012, p.11).

Paulo Freire sempre reconheceu os movimentos sociais como as forças por excelência capazes de alterar situações de injustiça construídas na história, a partir de interesses que passam a ser naturalizados. Complementando, Gohn, 2012, p.15 muito bem define que “historicamente a relação movimentos sociais-educação tem um elemento de união, que é a questão da cidadania”.

PAULO FREIRE: DOS MOVIMENTOS SOCIAIS PARA AS ESCOLAS

Falar da importância que Paulo Freire tem na educação já seria um tema por demais abrangente, tamanha a magnitude que sua obra alcançou. Ficamos com uma definição de Magdenzo (2004), que muito nos agrada, quando este afirma que:

“A Educação Popular de Paulo Freire é a contribuição mais significativa que a América Latina há realizado ao mundo da educação; podemos afirmar, e não quero desqualificar a ninguém, que é o único aporte real, revelador e original que há aportado à educação. (MAGDENZO, 2004, p.05).”

O cidadão Paulo Freire (1921–1997), pernambucano, advogado (profissão que nunca exerceu, começou a trabalhar com alfabetização de adultos no Serviço Social da Indústria (SESI) no ano de 1947. Mas foi no movimento camponês, formado por sindicatos rurais, ligas camponesas e organizações católicas de base, típicos movimentos sociais, que o jovem educador começou a desenvolver métodos de alfabetização voltados para trabalhadores, especialmente adultos analfabetos das zonas rurais. Em suas palavras, “a educação transforma pessoas e pessoas transformam o mundo”.

Também é da década de 1960 que há uma mudança de paradigma da educação, pois ela passa a ser vista, segundo Streck, 2009, p. 167 “como instrumento para as classes subalternas ocuparem um lugar na sociedade que lhes havia sido negado”.

Nesse contexto, o pensamento engajado de Paulo Freire inspira os movimentos sociais como “Os Círculos de Cultura Popular”, as “Ligas Camponesas”, o “Movimento de Educação de Base”, governamentais e religiosos no seu cerne, contudo movidos e levados adiante pela organização popular que traduziam uma visão de mundo e de história como possibilidade e na ação pedagógica como ação política. (Streck, 2009).

Podemos verificar que o nascedouro do pensamento e da obra de Freire se dá na luta dos movimentos sociais brasileiros da década de 1960. Estes movimentos vão desde a real esperança de mudanças estruturais vislumbradas no governo do presidente João Goulart (1961-1964), até o mergulho no terror dos anos da Ditadura Cívico-Militar (1964-1985), regime que fez com que o próprio Paulo Freire fosse exilado. Assim esta verdadeira revolução educacional, longe de ser reconhecida foi paralisada, perseguida e demonizada pela ditadura.

O próprio Paulo Freire partiu para o exílio, passando a conviver com outros movimentos sociais, contribuindo para a universalização da sua pedagogia inovadora. Primeiramente no Chile, onde seguiu com seu envolvimento nos movimentos sociais, mais uma vez junto aos camponeses, demonstrando sua estreita ligação com as organizações populares do campo.

“Extensão e Comunicação”, livro publicado em 1968 por Paulo Freire neste período chileno e quando trabalhava no “*Instituto de Capacitación e Investigación en reforma Agrária*”, destaca o papel do “agrônomo-educador” que promove a educação libertadora junto aos camponeses. É o educador que utiliza como “laboratório” um movimento social organizado, prática está muito constante ao longo de sua trajetória.

Com mais um golpe militar, agora no Chile, em 1970, Paulo Freire iniciou um trabalho nos Estados Unidos (ironicamente no país que “patrocinava” o golpe no Chile) dando aula na prestigiosa Universidade de Harvard, “onde sua obra já vinha sendo discutida e tinha uma inserção “curiosa” na academia e nos movimentos sociais progressistas norte americanos” (Strek, Redin & Zitoski, 2012, p.32).

Nesta década Paulo Freire também no Conselho Mundial das Igrejas Cristãs (CMI), onde deu-se o início da sua relação com o movimento da Teologia da Libertação e onde muitas vezes demonstrou que uma educação crítica e humanizadora deve ser uma das constituintes dos movimentos sociais. Os lados sociais, educativos e religiosos “partiam da realidade concreta do povo que crê, que aprende e que ensina.” (Freire, 1981)

Importante ressaltar o papel do educador brasileiro nos movimentos de consolidação de independência de países africanos como Cabo Verde, Angola e Guiné Bissau, através da educação, mas sempre com o olhar atento para os movimentos sociais. Na obra “Cartas à Guiné-Bissau” (1978), Paulo Freire tenta colaborar com a nascente nação independente, onde “cinco séculos de colonialismo deixaram como herança uma população de 90 a 95% analfabeta” (Correa; Loureiro; Cruz; Moretti, 2022, p.30). É na organização dos movimentos sociais que esse tenta inspirar e orientar para que sejam a linha de frente no combate desta verdadeira chaga social.

Avançando para a década de 1980, quando trabalhando na Universidade de Massachusetts Amherst (UMASS), que “Paulo Freire conhece Catherine Walsh, tornando-se não somente um mestre e colega

para ela, como também um amigo e companheiro de luta”. (Correa; Loureiro; Cruz; Moretti, 2022, p. 24). Juntos, além da construção teórica da pedagogia crítica, cerne da pedagogia decolonial, realizam trabalhos de educação popular, em especial com a comunidade porto-riquenha.

“Para Walsch, as experiências com Freire foram muito importantes para que ela pudesse compreender as lutas políticas, epistêmicas e de reexistência dos povos indígenas e afrodescendentes. Ou seja, as influências do pensamento político-pedagógico de Freire estão presentes na leitura/escrita que Walsch faz do mundo, reafirmando e problematizando o autor”. (Correa; Loureiro; Cruz; Moretti, 2022, p. 24).

No decorrer deste artigo abordaremos esta “sintonia” entre Freire e Walsh, educadores que, como poucos, tiveram esta sensibilidade de aproximar o social no trabalho de educar.

“Ambos convergem na busca por alternativas sócio-políticas e históricas construídas coletivamente para a superação das situações-limites que obstaculizam, inclusive, as possibilidades de nos entendermos como seres inconclusos/as e conscientes dessa inconclusão. Além disso é importante destacar que Walsch e Freire partem da compreensão de que

todas as pessoas possuem uma vocação ontológica para tramar, pensar e ler o mundo a partir de seus próprios lugares, caminhos e epistemes, engajando-se umas as outras na transformação da realidade” (Correa; Loureiro; Cruz; Moretti, 2022, p. 31).

Já de volta ao Brasil, voltando do exílio em 1979, esta perseguição e impossibilidade de estar no seu próprio país, longe de tornarem Paulo Freire um ser rancoroso, vingativo ou alienado, tornou-o ainda mais humano. Longe de ser tentado pela vingança, em suas andanças ele buscou “compreender os sentimentos, as razões e os processos sociais capazes de alicerçar uma educação que promovesse a convivência justa e pacífica entre as pessoas e os povos”. (STRECK, 2009, p.169).

Paulo Freire encontra os movimentos sociais com novas formações, pois no contexto de Ditadura a antiga associação estatal era algo impossível. No período de exceção, a luta dos movimentos sociais se dava pela manutenção dos sindicatos, pela normalização democrática e institucional, pela garantia dos direitos humanos, pela soltura de presos políticos, o fim da tortura e pela anistia. Muitas dessas lutas foram alcançadas na Constituição de 1988.

A partir de 1988, inicia o período de mudanças nos movimentos sociais, apontando por Semeraro (2006), onde a ocupação de espaços na sociedade, a luta pela construção de projetos voltados a população vulnerável se sobrepõe ao simples confronto direto com o Estado. Soma-se a isso a criação de partidos políticos que incorporam as bandeiras e os discursos dos movimentos sociais. Paulo Freire é mais uma vez ati-

va nesse processo ao participar da fundação dos Partidos dos Trabalhadores, que mesmo com todo o desgaste e perda de influência das últimas décadas, ainda é um representante político partidário de muitos movimentos sociais.

Quando Secretário de Educação do Município de São Paulo, na gestão da prefeita Luiza Erundina, Paulo Freire criou o Movimento de Alfabetização de Jovens e Adultos. Streck (2009) cita Maria Alice de Paula Santos (2008, p. 274) quando esta comenta que o nome foi escolhido com o intuito de dar “o sentido de mobilização e engajamento dos setores organizados da sociedade, de apoio aos grupos que já desenvolviam trabalho de educação de jovens e adultos”.

Um outro exemplo desse engajamento social proposto pelos movimentos foi o de Herbert José de Souza, mais conhecido como Betinho, um sociólogo, ativista social e defensor dos direitos humanos. Reconhecido no mundo acadêmico como sociólogo, Betinho criou uma das maiores mobilizações sociais do Brasil, a Ação da Cidadania contra a Fome, a Miséria e pela Vida, uma ampla campanha nacional que mobilizou a sociedade brasileira para arrecadar alimentos e combater a fome no país, além de outras ações, todas envolvidas com a organização e estruturação de movimentos sociais. Seu legado continua a inspirar ações sociais e movimentos de cidadania no Brasil.

Neste relato, tivemos a oportunidade de como conhecer os movimentos sociais foram contribuindo para a formação e a consolidação do educador Paulo Freire e sua visão privilegiada na arte de educar.

“Como educador preciso de ir “lendo” cada vez melhor a leitura do mundo que os grupos populares com que trabalho fazem de seu contexto imediato e do maior de que o seu é parte (...) E tudo isso vem explicitado ou sugerido ou escondido no que chamo “leitura do mundo” que precede a “leitura da palavra”. (FREIRE, 1996, p. 30).

Streck (2009, p. 173) nos instiga com a pergunta: “quem o que forma e informa a ótica pela qual educadores e educadoras lêem e ensinam a ler o mundo?”. O autor, destacando a visão de Paulo Freire, responde ele mesmo essa indagação:

“A ética universal do ser humano proposta por Freire, tem como ponto de referência o Outro que, mesmo silenciado, faz ouvir o seu grito. Nesse sentido, os movimentos sociais populares são considerados por ele como a grande escola da vida. Neles, a ação por melhorias concretas em seu bairro ou as condições de vida anda de mãos dadas com a reflexão sobre seu entorno e sobre estratégias de luta”. (STRECK, 2009, p. 174)

Ainda em Streck (2009, p. 175) o autor faz uma interessante abordagem, elaborando cinco elementos que compõem a compreensão de Freire sobre os movimentos sociais:

a) Os movimentos são portadores de uma rebeldia que impulsiona as mudanças na sociedade. Vamos encontrar a palavra rebeldia em seus escritos posteriores, já incorporada à sua reflexão pedagógica, no sentido da necessidade de uma educação da rebeldia e da indignação.

b) Os movimentos sociais são localizados, respondendo a desafios específicos de uma classe, de um grupo social, de uma questão social emergente, diferenciando-se, portanto, de uma instituição.

c) Os movimentos sociais são ao mesmo tempo portadores de uma preocupação essencial, de caráter universal, que no caso seria a busca de humanização.

d) Os movimentos sociais são lugares de constituição do homem e da mulher como sujeitos, como alguém que diz a sua palavra.

e) Os movimentos sociais da atualidade indicam, para Freire, a ultrapassagem de uma visão antropocêntrica em direção a uma visão antropológica.

Evidencia-se a construção de Paulo de um produto dos movimentos sociais o fato destes já se fazerem presentes na primeira nota de rodapé de “Pedagogia do Oprimido”:

“Os movimentos de rebeldia, sobretudo de jovens, no mundo atual, que necessariamente revelam peculiaridades dos espaços onde se dão, manifestam, em sua profundidade, esta preocupação em torno do homem e dos homens, como seres no mundo e com o mundo. Em torno do que e do como estão sendo. Ao questionarem a “civilização do consumo”, ao denunciarem as “burocracias” de todos os matizes; ao exigirem a transformação das Universidades, de que resulte, de um lado – o desaparecimento da rigidez nas relações professor-aluno; de outro – a inserção delas na realidade; ao proporem a transformação da realidade mesma para que as Universidades possam renovar-se; ao rechaçarem velhas ordens e instituições estabelecidas, buscando a afirmação dos homens como sujeitos de decisão, todos estes movimentos refletem o sentido mais antropológico do que antropocêntrico de nossa época”. (FREIRE, 1981, p. 29-30)

Culminando com essa abordagem, o próprio Freire poderia finalizá-la com um resumo do que abordamos: “É por esse caminho que o movimento popular vai inovando a educação”. (FREIRE; NOGUEIRA, 1989, p.66).

CATHERINE WALSH E OS MOVIMENTOS QUE PROPÕE UMA NOVA PEDAGOGIA

“Paulo Freire continua sendo nosso orientador nos esforços progressivos para redefinir a educação como prática de liberdade” (HOOKS, 2020, p.17)

Freire foi um dos fundadores da educação popular, cujas ideias sobre a conscientização e a educação libertadora influenciaram o pensamento e a formação de novas formas de se pensar a pedagogia.

“Aspectos do que pode ser caracterizado como pedagogia do movimento: a leitura do mundo desde o interior das práticas sociais, a itinerância ou “andarilhagem” e a ampliação de fronteiras do “ser mais” a partir dos movimentos sociais como forças instituintes”. (STRECK, 2009, p.165).

Essas influências foram o combustível para que muitos pensadores pós Paulo Freire “bebessem” na fonte freiriana, constituindo novas formas de educar socialmente.

“Entendemos que Paulo Freire, no decorrer de suas problematizações, foi um tensionador e um

questionador das estruturas de dominação e opressão, denunciando desde o Sul global a invasão cultural, a coisificação, a desumanização, entre outras violências que impedem os homens e as mulheres de serem sujeitos e sujeitas de suas próprias histórias” (Correa; Loureiro; Cruz; Moretti, 2022, p.22)

Seriam inúmeros os educadores que poderíamos citar, afinal as obras de Paulo Freire constituem-se nas mais estudadas e citadas quando falamos em educação. Na nossa América Latina teríamos o sociólogo peruano Aníbal Quijano, o semiólogo argentino Walter Mignolo, o sociólogo colombiano Orlando Fals Borda, a intelectual brasileira Lélia Gonzalez. De outros continentes, citaríamos o sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, além de muitos pensadores africanos, citando alguns como Oyèrónkẹ Oyěwùmí (Nigéria), Achille Mbembe (Camarões), Sabelo J. Ndlovu-Gatsheni (Zimbábue).

Além de seguirem o legado de Freire de uma educação que olha para os movimentos sociais, são autores e autoras que questionam as estruturas coloniais ainda presentes na cultura, educação, política e epistemologia. Eles propõem formas de conhecimento enraizadas nas realidades locais e resistem à imposição do pensamento ocidental eurocêntrico.

Paulo Freire já criticava essa visão colonizadora da educação:

“Na verdade, o processo de libertação de um povo não se dá, em termos profundos e autênticos, se

esse povo não reconquista a sua palavra, o direito de dizê-la, de “pronunciar” e de “nomear” o mundo. Dizer a palavra enquanto ter voz na transformação e recriação de sua sociedade: dizer a palavra enquanto libertar consigo sua língua da supremacia da língua dominante do colonizador. A imposição da língua do colonizador ao colonizado é uma condição fundamental para a dominação colonial, que se estende na dominação não colonial. Não é por acaso que os colonizadores falam de sua língua como língua e da língua dos colonizados como dialeto; da superioridade e riqueza da primeira a que contrapõem a “pobreza” e a “inferioridade” da segunda (...) Sem o direito de auto definição, são “perfilados” pelos colonizadores. Não podem, por isso mesmo, “nomear-se” nem “nomear” ao mundo que lhes é roubado”. (Freire, 1978, p.135).

Assim, surge uma pedagogia que pretende ser mais popular, a chamada pedagogia decolonial, que busca transformar as práticas pedagógicas, desconstruindo a centralidade eurocêntrica e valorizando os saberes e as culturas locais. Uma alternativa para uma educação mais justa e inclusiva, que valoriza a diversidade e contribui para a construção de uma sociedade mais democrática.

“Metodologias produzidas no campo da luta, marginalização, resistência e que Adolfo Albán³ tem chamado de “re-existência”, pedagogias como práticas insurgentes que fraturam a modernidade/colonialidade e tornam possível outras maneiras de ser, estar, pensar, saber, sentir, existir e viver-com” (Walsch, 2013, p.19).

Das premissas desta nova pedagogia, além do desprendimento das amarras do conhecimento centrado na Europa “ilustrada e culta”, podemos destacar:

- A educação intercultural que reconhece e valoriza a diversidade cultural, promovendo o diálogo e a imersão entre diferentes saberes;

- A educação antirracista que combate o racismo, o preconceito e qualquer forma de exclusão em todas as suas formas, através da conscientização e da desconstrução das estruturas excludentes;

- A educação libertadora que busca a emancipação dos sujeitos, promovendo a autonomia e a capacidade de ser crítico diante das realidades;

- A educação popular que promove o diálogo e a participação social no processo de ensino-aprendizagem, trabalhando em estreita ligação com os movimentos sociais.

A educação popular, ao longo do século XX e do século XXI, na América Latina, se desenvolveu com maior amplitude nos espaços pedagógicos não formais de ensino

3. ALBÁN ACHINTE, Adolfo. *Pedagogías de la reexistencia: artistas indígenas y afrocolombianos*. In: WALSH, Catherine (org.). *Pedagogías decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)viver*, Quito: Abya Yala, 2013. p. 443–468.

e aprendizagem junto às organizações sociais de trabalhadores urbanos, nos movimentos sociais de diversos segmentos da população, como, por exemplo, o MST e o movimento de educação de base ligado à Igreja Católica progressista brasileira vinculada à Teologia da Libertação, ambos no Brasil, e os movimentos indígenas no Equador e na Bolívia, diferentes as associações comunitárias de bairros, os movimentos de alfabetização de adultos. Enfim, os exemplos seriam muitos.

bell hooks, feminista, professora, e ativista antirracista estadunidense, que publicou mais de trinta livros e numerosos artigos acadêmicos, reconhecida mundialmente como uma das maiores intelectuais do século XX / XXI é uma das estudiosas “tocadas” por Paulo Freire. No prefácio da obra “Ensinando pensamento crítico, sabedoria prática”, Sérgio Hadad coloca que “entre as leituras inspiradoras estão os livros de Paulo Freire, a quem ela dedica especial atenção – não só pelos títulos dos livros mencionados, mas também pelas epígrafes e as inúmeras referências ao educador encontradas em suas obras” (HOOKS, 2020, p. 12).

E o que levou bell hooks a assimilar tão fortemente o seu pensamento? Freire afirmava que o ser humano, diferentemente dos demais seres vivos, seria capaz de aprender e ensinar e, com isso, construir um mundo que fosse de interesse das diversas comunidades, grupos sociais e da sociedade. Neste sentido, alertava para o papel fundamental de educadores e educadoras no desafio de unir a educação com a construção

de um mundo mais justo e democrático.

(...)

Partir da realidade não é só identificar os temas de interesse de cada coletividade, é ir além, saber como elas são vividas, partir da interpretação delas sobre os fatos, que é a base para qualquer processo de diálogo e construção coletiva de conhecimentos por meio de círculos de cultura.

Essa base filosófica do pensamento freiriano, reconhece bell hooks, lhe deu os fundamentos para pensar o seu papel como educadora. (HOOKS, 2020, p. 14 - 15).

Toda essa realidade fez surgir importantes pensadores tal qual como Paulo Freire, que possuem uma ligação estreita com os movimentos sociais. Comentamos anteriormente que nos processos de “andarilhagem” de Freire, houve uma aproximação com Catherine Walsh, a quem passamos a brevemente apresentar.

A professora, intelectual e militante Catherine Walsh, estadunidense, mas há muitos anos radicada no Equador é considerada um dos pilares da chamada pedagogia decolonial. A trajetória de ativista social e de acadêmica começa no seu país de origem (os Estados Unidos) e se estende até a América Latina. Seus estudos se caracterizam por uma vinculação teórica e prática

com movimentos ligados a uma pedagogia de orientação crítica dentro dos lugares das universidades e dos movimentos sociais.

Walsch, uma reconhecida admiradora e seguidora de Paulo Freire, se inspira nas propostas e lutas deste educador. A educadora considera o brasileiro como seu guia, uma espécie de ancestral (Walsh, 2014).

Correa; Loureiro; Cruz; Moretti, 2022, p.22, estabelecem em seu artigo um interessante diálogo entre estes importantes educadores, tendo por base a escola de três obras de cada um e que “versam sobre a temática da libertação decolonial no Sul Global”. Os três livros de Paulo Freire são *Pedagogia do Oprimido* (1968), *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo* (1975) e *Extensão ou comunicação?* (1969). Já pelo lado de Walsch as autoras destacam outras três que “também dialogam sobre decolonialidade”: *Pedagogias Decoloniales, Tomo I* (2013); *Pedagogia Decoloniales, Tomo II* (2017) e *On Decolonality: concepts, analytics, práxis* (2018).

Nesta aproximação entre as obras destes dois educadores, os autores ainda relatam que:

“Por meio de leituras tanto das obras de Freire quanto das de Walsch identificamos, fenomenicamente, que havia uma recorrência das categorias “práxis” e “libertação” articuladas na busca pelo ser mais, pela humanização e pela superação das estruturas de opressão e dominação, nos possibilitando identificar as afinidades e convergências de Paulo Freire e Catherine

Walsh nas pedagogias decoloniais”

(...)

Assim, é correto afirmar que tanto para Freire (1978; 1987; 2015) quanto para Walsch (2013; 2017a; 2018), a libertação é um processo que envolve um movimento de busca para a transformação. Alicerçado na práxis, que implica na ação e na reflexão de homens e mulheres sobre o mundo e com o mundo, é por meio desse movimento que sujeitos e sujeitas tramam as suas feitura que lhes permite insurgir e construir seus próprios meios de caminhar”. (CORREA; LOUREIRO; CRUZ; MORETTI, 2022, p. 23 - 30).

Em ambos os autores identificamos um compromisso ético e político com as mudanças essenciais. (Löwy, 1996). Tanto em Paulo Freire quanto em Catherine Walsh identificamos uma perspectiva de luta e resistência que transita entre os movimentos sociais e as escolas, ambos como instrumentos de educação que caminham em conjunto, complementando-se.

“Nesta tradição [dos movimentos sociais] a interculturalidade aparece como parte do discurso político e reivindicatório de populações afetadas

pelo desenvolvimento do capitalismo através do despojamento da terra, pela ocupação de seus territórios por colonos de outras tradições e valores culturais, pelo deslocamento de seus lugares de origem para outros territórios, particularmente as grandes cidades, onde se estruturam complexos culturais multiétnicos, plurregionais, intergeracionais, de gênero, de 217 trabalho, etc., que colocam desafios difíceis de resolver mediante os mecanismos tradicionais da democracia transformista que caracteriza nosso regime social e político [...]. Foi a localização destas lutas [emancipatórias e de resistência aos povos indígenas e afro na América Latina e de seus desenvolvimentos em novos contextos nacionais e internacionais que atualizou a discussão e nos obriga a precisar seus conteúdos. (WALSH, 2009, p.2-3)”

Autores como Freire e Walsh buscam:

“À condução de ações para a constituição de processos político-pedagógicos fundados na criação e recriação de saberes e experiências comunitárias - produzidas tanto nas universidades, como nos movimentos e organizações da sociedade civil – que

possam reavivar a esperança da construção de uma utopia concreta de um viver fraterno e solidário, que é concebida por intermédio de uma pedagogia decolonial, em meio a esse mundo vigente tomado pela desesperança” (Figueiredo, 2021, p.196).

Ao tratarmos desse posicionamento e entendimento de mundo de Freire e Walsh, podemos destacar ao frisarem “o profundo respeito à leitura de mundo dos sujeitos” posicionando-se “como intelectuais engajados na construção de um mundo outro, um mundo onde todos os mundos sejam possíveis”. (Correa; Loureiro; Cruz; Moretti, 2022, p. 32). Independente da realidade de cada um, mesmo aqueles alijados da verdadeira cidadania esta realidade pode ser transformada através do engajamento social (movimentos sociais), bem como pela educação transformadora (escolas).

Assim os movimentos sociais encontram-se abraçados pelas pedagogias de Freire e Walsch, pois esses os enxergam como também formadores de uma educação como prática para liberdade, centrada e valorizadora dos saberes e da cultura popular, em especial dos considerados “párias” sociais, os invisibilizados socialmente.

Walsh afirma, tendo como referência os movimentos sociais indígenas equatorianos e dos afro-equatorianos, que a decolonialidade implica partir da desumanização e considerar as lutas dos povos historicamente subalternizados pela existência, para a construção de outros modos de viver, de poder e de saber. Portanto, decolonialidade é visibilizar as lutas contra a colonialidade a partir das pessoas, das suas práticas sociais, epistêmicas e políticas.

A decolonialidade representa uma estratégia que vai além da transformação da descolonização, ou seja, supõe também construção e criação. Sua meta é a reconstrução radical do ser, do poder e do saber.

DOS MOVIMENTOS AS ESCOLAS, A IMPORTANCIA DE SER DEOCOLONIAL E INTERCULTURAL!

Paulo Freire, Catherine Walsh e outros intelectuais aqui citados, entre tantos outros não citados, estão associados aos movimentos sociais que surgiram tendo como ponto comum lutas e ações em busca de um mundo forjado na justiça social, porém apresentando uma pluralidade de pautas em torno da elaboração e da construção de projetos e sonhos. Eles tiveram a grande contribuição de aproximar estas realidades da realidade escolar. Deles temos a pedagogia deocolonial e a interculturalidade.

A pedagogia deocolonial preza pelo abandono progressivo de métodos e práticas pedagógicas onde, alegoricamente, o mapa sempre “está com o Norte acima”. A pedagogia tradicional é vista como o fruto do colonialismo intelectual que graça em territórios periféricos, tais quais a América Latina e que omitem e menosprezam as vivências cotidianas dos povos “ao sul do Equador”.

Ser deocolonial e intercultural é fazer a opção educativa por caminhos onde os oprimidos buscam a conscientização que os façam entender e superar as amarras que o oprimem, buscando meios para a sua humanização e construtores de uma realidade menos desigual, carente e exploradora.

A interculturalidade, esta capacidade não só de conviver com outro, mas de

entende-lo e tentar também vivenciar essa cultura baseado na empatia, no respeito e na tolerância é uma prática que os movimentos sociais também prezam, podemos ver que muito presente em suas bandeiras, lutas e discursos.

Aqui, faz-se necessário discutir um pouco mais sobre os conceitos de interculturalidade crítica e sua incidência no campo educacional e a pedagogia decolonial. Para Catherine Walsh, a interculturalidade significa:

“- Um processo dinâmico e permanente de relação, comunicação e aprendizagem entre culturas em condições de respeito, legitimidade mútua, simetria e igualdade. - Um intercâmbio que se constrói entre pessoas, conhecimentos, saberes e práticas culturalmente diferentes, buscando desenvolver um novo sentido entre elas na sua diferença. - Um espaço de negociação e de tradução onde as desigualdades sociais, econômicas e políticas, e as relações e os conflitos de poder da sociedade não são mantidos ocultos e sim reconhecidos e confrontados. - Uma tarefa social e política que interpela ao conjunto da sociedade, que parte de práticas e ações sociais concretas e conscientes e tenta criar modos de responsabilidade e solidariedade. - Uma meta

a alcançar”. (WALSH, 2001, p. 10-11)

Walsh traz essas ideias de suas experiências nos movimentos sociais indígenas latino-americanos (equatoriano em especial) e que questiona a colonialidade do poder, do saber e do ser. Enfim, ele também denota outras formas de pensar e se posicionar a partir da diferença colonial, na perspectiva de um mundo mais justo. Uma realidade de interculturalidade, que deve ser entendida em toda a sua extensão:

“O conceito de interculturalidade é central à (re)construção de um pensamento crítico-outro - um pensamento crítico de/desde outro modo -, precisamente por três razões principais: primeiro porque está vivido e pensado desde a experiência vivida da colonialidade [...]; segundo, porque reflete um pensamento não baseado nos legados eurocêntricos ou da modernidade e, em terceiro, porque tem sua origem no sul, dando assim uma volta à geopolítica dominante do conhecimento que tem tido seu centro no norte global.” (WALSH, 2005, p. 25).

Dialogar é uma ação demasiadamente freiriana, uma prática educativa que o autor em suas diversas obras expôs como um dos pilares da pedagogia por ele proposta. “O diálogo em Freire se apresenta como caminho metodológico para promover o encontro entre as diferenças e as relações interculturais” (Oliveira, 2015, p.99).

Neste diálogo construtivo, escolas e movimentos sociais devem buscar os meios para a construção de caminhos, de pontes, de travessias que unem, que sirvam como encontros e não separações. Um trabalho que requer uma extrema consciência social dos diversos segmentos sociais.

“A construção de sociedades interculturais sustentadas na riqueza da diversidade, o respeito mútuo e a igualdade é uma condição para a sobrevivência pacífica e para o desenvolvimento presente e futuro da sociedade. Porém, a interculturalidade não vai vir até todos nós. Pelo contrário, nós temos a necessidade e a responsabilidade de buscá-la e construí-la”. (Figueiredo, 2021, p. 208).

Os movimentos sociais com um trabalho mais voltado para a base, com uma linguagem mais popular acaba por preencher lacunas que muitas vezes o academicismo exagerado e elitista da universidade ou os currículos centralizados e mais preocupados com índices e gráficos não conseguem atingir.

“Assim, apesar do colonialismo preceder a colonialidade, a colonialidade sobrevive ao colonialismo. Ela se mantém viva em textos didáticos, nos critérios para o bom trabalho acadêmico, na cultura, no sentido comum, na auto-imagem dos povos, nas aspirações dos sujeitos e em muitos outros

aspectos de nossa experiência moderna. Neste sentido, respiramos a colonialidade na modernidade cotidianamente.” (TORRES, 2007, p. 131).

Quijano (2005) enxergou dentro desta colonialidade, uma que trata do poder, defendendo que esta visão construiu a visão do subalternizado, daquele que só recebe, não contribui, não constrói, quase que não existe. Poder esse baseado nessa visão e patrocinado pelo poder econômico advindo do sistema capitalista neoliberal. “A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial do poder capitalista” (Quijano, 2007, p.93).

Mignolo (2003) também expõe esta colonialidade do poder, centrada no colonialismo, no poder e no eurocentrismo, como se “os do sul” fossemos povos que tivemos a nossa história, o nosso idioma, a nossa cultura iniciadas quando da chegada do conquistador europeu. Na colonialidade do poder:

“(…) o eurocentrismo torna-se, portanto, uma metáfora para descrever a colonialidade do poder, na perspectiva da subalternidade. Da perspectiva epistemológica, o saber e as histórias locais europeias foram vistos como projetos globais, desde o sonho de um *Orbis universalis christianus* até a crença de Hengel em uma história universal, narrada de uma perspectiva que situa a Europa como ponto

de referência e de chegada.
(MIGNOLO, 2003, p.41).

Longe de propor uma ruptura, Mignolo propõem formas diferentes de ser, pensar, entender, conhecer, contudo, que saibam dialogar com o opressor e com todas. Afinal, ser intercultural é saber, por excelência, dialogar!

Já Freire em suas andanças, nas suas “andarilhagens” fosse junto aos camponeses do Nordeste brasileiro ou do Chile, seja no auxílio da luta por educação na Guiné-Bissau, ou com as camadas pobres urbanas da cidade de São Paulo, em todas elas o grande educador teve nos movimentos sociais o seu campo de luta e sua inspiração na formulação de ideias de caráter universal, corroboradas pelas inúmeras traduções, pelos centros de pesquisa, pelas universidades, enfim, por tantas pessoas que se debruçam e se inspiram nesta “larga possibilidade de aprendizado e gestação de uma teoria pedagógica”, nas palavras do próprio Paulo Freire (2015, p.37).

Paulo Freire, praticamente um cidadão do mundo pela importância de sua obra, mas, acima de tudo, um educador brasileiro comprometido com a vida porque pensava a existência humana a partir de situações concretas que a constituem (Fiori, 1987, citado por Correa; Loureiro; Cruz; Moretti, 2022, p. 23).

Assim, a pedagogia decolonial, a interculturalidade, Freire, Walsh e outros nos legaram uma atitude que combina pensamento e ação comunitária realizando um casamento do acadêmico da universidade com a ação dos movimentos sociais de base popular e comunitária, tendo como ênfase um projeto que se estrutura ao redor da vivência cotidiana de uma interculturalidade crítica e

da decolonialidade nos espaços político-pedagógicos formais e informais da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Paulo Freire afirmou que os sujeitos têm capacidade de reinventar o mundo porque são tomadores de decisões que podem lutar pela liberdade e autonomia, a fim de romper com a opressão e condicioná-los a uma educação que leve em conta essas peculiaridades para mudar o curso de sua história e de sua realidade.

Educar é um ato cotidiano, que envolve um número incontável de atores, sejam educadores, educandos, famílias, entre outros. Dos primeiros, muito anônimos, abnegados, que diariamente fazem a diferença na vida de seus alunos. Mas deste, alguns que permanecem permeando e influenciando a prática educacional e pedagógica dos educadores.

E o ato de educar se faz em todos os momentos. Uma sociedade, como um todo, educa. Os movimentos sociais são parte da sociedade, uma parte que fala, que contesta, que luta, que busca. Longe de vislumbrá-los como algo uniforme, pois neles existem desde uma gama imensa de fundamentos ideológicos até as suas estratégias de luta.

Os movimentos sociais são como portos seguros de segmentos da população que são marginalizados, ainda mais em tempos de avanço da extrema direita, que escolhe entre seus inimigos preferenciais este nicho populacional e suas tentativas de organização e luta contra uma realidade que lhes concede um espaço precarizado.

Paulo Freire com seus temas geradores aproximam o ensino da realidade dos educandos. Nesse ponto a luta de um mo-

vimento social, o enfoque que busca, a sua bandeira serve de elemento fomentador nesse ensino da realidade, a aproximação da vivência do aluno para aquilo que pretendemos ensinar. Da dinamicidade que os movimentos sociais caracterizam a obra de Freire, sendo o próprio motor da pedagogia do movimento.

Nas incursões de suas falas, aulas, palestras, cursos e, principalmente na perenidade de suas obras escritas, Paulo Freire cativou um incontável número de seguidores, que levaram cada qual a sua maneira o legado do notável educador brasileiro. Entre estas pessoas, destaca-se a pedagoga equatoriana Catherine Walsch, que desenvolve a teoria e a prática da pedagogia decolonial, enfatizando a importância da interculturalidade e da descolonização do conhecimento.

Neste diálogo entre Freire e Walsch, além da amplitude dos estudos, de uma defesa total do papel transformador da educação, ambos os grandes educadores convergem em suas biografias, no nascedouro de suas lutas e também podemos afirmar direta ou indiretamente em quase todas as suas trajetórias, de terem nascido, transitado e inspirado diversos movimentos sociais pelo mundo.

Desses e outros diálogos surge a pedagogia decolonial, uma das várias maneiras que se propõe a ensinar, aquela que busca por uma permanente educação crítica e transformadora, uma pedagogia mais social que se propõe decolonial, intercultural, social. Pensado do “sul para o sul”. De uma interculturalidade que defende a convivência na diversidade da igualdade, do respeito pela diferença e da interação positiva e não conflitiva.

Uma pedagogia que parte da integração dos intelectuais das universidades atuantes juntos aos movimentos sociais, que sofrem as agruras advindas de um sistema desigual e opressor, que determina quem pode e quem não pode, mergulhado no racismo, do sexismo, entre tantos outros males.

E são cidadãos como Paulo Freire e cidadãs como Catherine Walsh, entre outros tantos pensadores e pensadoras, educadores e educadoras, a maioria de forma silenciosa, que possuem esta condição, sensibilidade e empatia de dialogar com os oprimidos e oprimidas, não estão encastelados em escritórios, em universidades ou escolas que dão as costas para a sociedade.

É uma ação que sai do campo de luta e vai para o campo de ação. Ação esta que educa!

“A pedagogia freireana tem nesses movimentos um dos principais lugares de inspiração e de renovação”. (STRECK, 2009,p.165).

REFERENCIAS

- ADAMS, T; WALSH, Catherine. In Pitano, S. C., Streck, D. R., & Moretti, C. Z. (Orgs.). Paulo Freire: uma arqueologia bibliográfica (pp. 94-95). Curitiba: Appris, 2019.
- BRANDÃO, C. R. (2012). Andarilhagem. In Streck, D. R., Redin, E., & Zitzoski, J. J. (Orgs.). Dicionário Paulo Freire (pp. 41-42). Belo Horizonte: Autêntica Editora. - Fiori, M. E. (1987). Prefácio. In Freire, P. Pedagogia do oprimido (17a ed., pp. 6-14). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- CORREA, Aline Mesquita; LOUREIRO, Camila Wolpato; CRUZ, Marcelly Machado Cruz; MORETTI, Cheron Zanini. Paulo Freire e Catherine Walsh: afinidades teórico-práticas nas pedagogias de(s)coloniais. Revista Sinergias – diálogos educativos para transformação social. Julho de 2022, nº 14.

- FREIRE, Paulo. (1978). *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo* (2a ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo. (1987). *Pedagogia do oprimido* (17a ed.). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* (17a ed.). São Paulo: Paz e Terra. - Gadotti, M. (Org.). (1996). *Paulo Freire: uma biobibliografia*. Cortez: São Paulo, 2015.
- FIGUEIREDO, Daniela Ghisleni. *Por uma pedagogia decolonial a partir dos pensamentos de Paulo Freire e Catherine Walsh. Dissertação de Mestrado no Programa de Pós-graduação interdisciplinar em Ciências Humana. UFFS, 2021.*
- GOHN, Maria da Glória. *Teoria dos movimentos sociais paradigmas clássicos e contemporâneos*, Edições Loyola: São Paulo, 1997.
- GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais e educação*. - São Paulo: Cortez, 8 edição. 2012.
- GOIRAND, Camille. *Movimentos sociais na América Latina: elementos para uma abordagem comparada*. Disponível em < file:///C:/Users/edumi/Downloads/downloadfile%20(1).pdf > Acesso disponível em 20 de setembro de 2021
- HOOKS, bell. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*; tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.
- LEROY, Henrique Rodrigues. *Dos sertões para as fronteiras e das fronteiras para os sertões*. Foz do Iguaçu: EDUNILA, 2021.
- LÖWY, M. *Ideologias e ciência social: elementos para uma análise marxista* (11a ed.). São Paulo: Cortez, 1996.
- MAGENZO, Abraham. *Curriculo y educacion para la democracia en la modernidade*. Bogotá: PIIE – Instituto Luis Carlos Galán. 1996.
- QUIJANO, Anibal. *Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina*. In: LANDER, E. (Org.). *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas*. Buenos Aires: Clacso, 2005, p. 227-277.
- QUIJANO, Anibal. *Colonialidad del poder y clasificación social*. In: CASTRO-GÓMEZ, S; GROSGOUEL, R. (Orgs.) *El giro deocolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central – IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 93-126.
- SEMERARO, Giovanni (Org.). *Educação: fronteira política*. Cuiabá: EDUFMT, 2006.
- STRECK, Danilo. R. *Uma pedagogia de movimento: os movimentos sociais na obra de Paulo Freire*. *Revista Educação Pública*. Cuiabá/MT. V.18, n. 36, p. 165-177, jan/abr. 2009.
- STRECK, Danilo. R., REDIN, E., & ZITKOSKI, J. J.. *Paulo Freire: uma breve cartografia intelectual*. In Streck, D. R., Redin, E., & Zitkoski, J. J. (Orgs.). *Dicionário Paulo Freire* (pp. 15-22). Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2012
- TORRES, Nelson Maldonado. *Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto*. In: CASTRO-GÓMEZ, S; GROSGOUEL, R. (Orgs.) *El giro deocolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central – IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p.127-167.

- WALSH, C. (Org.). (2013). Pedagogias decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir (Série Pensamiento Decolonial, Tomo I). Quito: Abya Yala.

- WALSH, C. (2014). Pedagogías decoloniales caminando y preguntando. Notas a Paulo Freire desde Abya Yala. Revista Entramados - Educación Y Sociedad, año 1(1), 17-31.

- WALSH, C. (Org.). (2017a). Pedagogias decoloniales: prácticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir. (Série Pensamiento Decolonial, Tomo II). Quito: Abya Yala.

- WALSH, C. (2017b). Pedagogías Decoloniales. In Alarcón, T. G. (Org.). Convergencias y divergencias: hacia educaciones y desarrollo “otros” (pp. 55-77). Bogotá: UNIMINUTO – Corporación Universitaria Minuto de Dios; CED – Centro de Educación para el Desarrollo.

- WALSH, C., & Mignolo, W. (2018). On decoloniality: concepts, analytics, praxis. Londres: Duke University Press.